

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

DIRECTOR REGIONAL EM LISBOA
Jorge Manuel Freire Medeiros

ANO I N.º 7

DOMINGO - 26 de Julho de 1953

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENGA

O Regionalismo

COMO NECESSIDADE

HÁ MUITOS anos que em Portugal se fala em regionalismo, e há muitos anos que ele se cultiva num ambiente de interesse e de carinho. Todas as regiões do nosso país possuem os seus organismos regionais, cuja finalidade se traduz na defesa e propagação das suas reivindicações mais instantes. Mas, não é só a defesa de interesses e a propagação das belezas afectas a estas ou àquelas regiões que constituem o verdadeiro substratum do regionalismo. Este, na sua expressão mais elevada, obedece a princípios elevadamente patrióticos, como sejam os de manter intactas as virtudes do povo e cultivar as suas tradições seculares.

A tendência actual do regionalismo manifesta-se, precisamente, nestes sentidos, como o provam as organizações folclóricas e os trabalhos etnográficos levados a efeito nos últimos tempos.

Num ambiente cheio de MODERNISMOS perigosos para as virtudes e tradições populares, é-nos grato registar tal tendência, porquanto exprime uma necessidade para salvaguardar o património que o passado nos legou. Neste caso, o regionalismo é uma necessidade e, como tal, deve ser satisfeito.

O regionalismo-necessidade é um facto real e concreto. Convém cultivá-lo em todas as regiões do país, pois é do somatório das nossas virtudes e tradições que deriva a manutenção da unidade espiritual que une todos os portugueses.

Novo Médico

Concluiu brilhantemente a sua formatura em medicina pela Universidade de Coimbra, o sr. Dr. Francisco Mendes



Tengarrinha Júnior, filho do nosso prezado assinante sr. Francisco Mendes Tengarrinha e da sr.ª D. Maria da Conceição da Costa Andrade Tengarrinha, residentes em Vila Nova de Cacela.

Ao novo médico, que exercerá clínica em Lisboa, bem como a seus pais, endereçamos as nossas felicitações.

SILVES

Uma glória do passado e uma promessa do futuro

SEDE, como é, de um importante concelho — o segundo do Algarve, em extensão territorial, cujos limites confinam com o Alentejo, pelo Norte, e com o Oceano Atlântico, pelo Sul — Silves poderia ser hoje um grande centro de turismo, que para tal não lhe faltam condições naturais nem motivos históricos.

Quem vem de Lisboa, em comboio, entra na nossa Província pelo concelho de Silves e, depois de deixar S. Marcos da Serra e percorrer alguns quilómetros entre paisagem ainda com características alentejanas mas já com seu salpico de hortejo a prenunciar a vegetação exuberante do Baixo Algarve, encontra, quase que abruptamente, S. Bartolomeu de Messines espreguiçada nas faldas do Penedo Grande, onde João de Deus bebeu a primeira inspiração para os seus versos de puro e suave lirismo. Daí até Silves e tornejando por Tunes, Algós, Alcantarilha e Poço Barreto, tudo é ainda concelho de Silves, tudo é riqueza e fartura — que as dão a fertilidade dos seus campos e a profusão do seu arvoredor nativo. E quando, ao descer a ladeira de S. Pedro, na estrada de mil e quinhentos metros que vai da estação do caminho de ferro à cidade, esta se nos mostra em toda a sua extensão, sente-se um como que deslumbramento, devido ao conjunto do cenário, a que dá maior importância a Serra de Monchique, armada em pano de fundo e colorida no tom azulado que a lonjura lhe empresta.

E' ver as hortas que rodeiam Silves; é ver o serpentear do rio Arade, em cujas margens os rouxinóis gorjeiam melodias; é ver, finalmente, a disposição do seu casario que, subindo da planície, se vai mostrando em socacos, deixando destacar-se o majestoso edifício dos Paços do Concelho e tendo a coroa-lo a jóia arquitectónica da Sé e o formoso Castelo — hoje, monumentos nacionais, pelas

RUI CENTENO

Foi nomeado tesoureiro da Câmara Municipal de Loulé, mediante concurso, o nosso prezado amigo, sr. Rui Eduardo da Glória Centeno, que exercia as funções de chefe da secretaria da Câmara Municipal de Castro Verde.

suas tradições históricas. Depois, o velho moínho do Caninê, numa elevação de terreno que semelha a guarda avançada de uma série de outeiros fazendo rumo à serra, onde cheira a estêvas, onde se cria medronho. E, rodando para



SILVES - VISTA PARCIAL

Nascente, há ainda os pomares do Enxerim e de Santo Estêvão, as hortas da Ribeira e da Fragura — numa tal sinfonia de cores que os olhos não se

cansam, antes exultam por se darem à sua contemplação.

Mas acerquemo-nos da cidade — da opulenta Chelb dos árabes que, no dizer de Alexandre Herculano, chegou a ser «dez vezes maior que Lisboa». Paremos à entrada, sobre a sua ponte, no presumível local onde aportou a esquadra dos cruzados que se dirigiam à Palestina e que ajudaram D. Sancho I, no ano de 1189, a conquistar tão forte baluarte — antiga côrte de reis mouros.

Com suas águas tagarelas na maré baixa, o rio Arade oferece o aspecto de uma ribeira'

marginada ao Sul por terrenos de aluvião que têm contribuído para o seu assoreamento. Sempre que fizeram limpeza

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

O TURISMO

FONTE DE INAPRECIÁVEL RIQUEZA NA VIDA DA NAÇÃO

QUANTO, e de tão longe, vimos tratando este assunto de capital importância na vida e progresso do País, lembrando iniciativas, corrigindo vários defeitos de organização de alguns centros turísticos, que se destinam a fomentá-lo e conduzi-lo, num grande anseio do seu aproveitamento e melhor adaptação à vida turística, num país essencialmente turístico como o nosso.

Urge, — atentas as vantagens adquiridas por outros países, para onde se derivam e catalisam as correntes turísticas do Mundo, — que procuremos tirar partido, fazendo com que delas aproveitemos, atraindo-as, inteligente, hábilmente e patrioticamente, a Portugal, — com facilidades, com honestidade de processos, não os escandalizando, com a exploração nos preços dos transportes, hotéis, pensões e, finalmente, em tudo que lhes interessar do país — nas aquisições, ou compras do que possa ser o melhor reclamo, e a prisão enleante do turista.

O Turista, — de um modo ge-

FOR SOEIRO DA COSTA

ral, — é pessoa já de cultura apreciável, com apreciáveis horizontes que dão as vilegiaturas, susceptível de melindre; e, assim, influido nas suas preferências, que convém aproveitar em nosso favor.

Acreditem todos os que vivem do Turismo — ou possam vir grandemente interessar, que há

(CONCLUI NA 8.ª PAGINA)

O RISO DA SEMANA



Ah! Uma alforreca!...

Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

Diário íntimo

A varina, toda de preto, pousou a canastra no chão e sentou-se no degrau da porta. Uns segundos, apenas. Estou a vê-la, aqui mesmo à minha frente. Tira os cueiros de pequenino que trás ao peito. Limpa-o, enquanto chilreia com uma careta de mimo. Levanta o oleado da canastra onde guarda um pano limpo. Depois, o poder das palavras acaba e a emoção estrangula-me. A varina, sem me ver, levanta nos braços musculados e na minha direcção, o pequenino bolão de vida. Atrás de umas cortinas rendilhadas uma lágrima de fogo cobre a rua de pequeninos cristais luminosos.

Leitura dos jornais

Desastres e crimes. Crimes de todos os feitios, desastres de todos os feitios. E dizer-se que somos apenas grandes produtores de cortiça!

Pelourinhos

Ali, as pautas nas compridas montras. Ali, fulano de tal, com as letras todas, nomes e apelidos. Quatro valores, cinco valores, zero valores. BURROS! Ali, as pautas. Pelourinhos da nossa justiça. Afasto-me sangrando.

Todos os dias

Diante do espelho a Isabel experimenta um novo penteado. Uma leve franja, a cobrir uma parte da fronte. O cabelo arqueia sobre a orelha esquerda. Do outro lado, o cabelo é frisado de modo a formar ondas irregulares, uma pequena escadaria. Uma escadaria que te leva, Isabel, não se sabe para onde. Para o reino da mentira... Da ilusão... Do naufrágio...

Pão

«Um bocadinho de pão...» tão pouco, afinal, o que se pede. Tão pouco, afinal, que há tantos séculos se pede!

Crítica

Papel mata-moscas. Não é horrível? A dificuldade está em inventar um «gostoso papel mata-moscas».

CAMPISMO

Segundo nos informa a Federação Portuguesa de Campismo, órgão superior da hierarquia desportiva da modalidade, todos os proprietários de terrenos a quem seja solicitada licença para acampar deverão exigir a carta-campista, documento de identidade, passado por aquela Federação, que garante, da parte do possuidor, o cumprimento da ética e disciplina campistas, e sem o qual ninguém está autorizado a praticar campismo. Informa, também, aquela Federação, que os possuidores da carta-campista têm um seguro contra incêndio, que possam causar, no valor de cem contos. A carta garante ainda, aos proprietários a reparação de quaisquer danos, desde que os mesmos sejam participados à Federação referida.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Pedido de casamento

Por sua mãe, sr.^a D. Guilhermina da Conceição Santos, foi pedida em casamento, para o sr. Dr. António Joaquim de Almeida, digno chefe da Secretaria da Câmara Municipal, desta vila, e nosso estimado assinante, a sr.^a D. Ivone Julia Cortes, gentil e prezada filha da sr.^a D. Maria Julia Costa Cortes e do sr. Manuel Guerreiro Cortes, conceituado proprietário em Santa Clara-a-Nova.

Partidas e Chegadas

Seguiu no Rápido, no dia 17 do corrente para Lisboa, a sr.^a D. Isabel Martins Mascarenhas, onde tomará o Pacote «Império», com destino a S. Tomé, afim de reunir-se a seu filho sr. Manuel Martins Mascarenhas, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, e nosso estimado assinante naquela cidade.

A passar a época balnear encontra-se nesta vila, em casa de sua irmã sr.^a D. Antonieta Rosa Camarada e de seu cunhado sr. Luiz de Sousa Camarada, a sr.^a D. Euridice Rosa Messias, com seu esposo e filho.

Encontra-se nas Caldas de Monchique, fazendo o seu habitual tratamento, o nosso prezado amigo e assinante sr. Lino de Oliveira.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. Hostilio Rosa, residente em Lisboa.

Encontra-se em Monchique o nosso prezado assinante sr. José Pedro de Sousa Oliva, onde foi fazer o seu habitual tratamento de águas.

Com sua família encontra-se em Setúbal, em gozo de férias, o nosso prezado assinante sr. Vasco de Miranda, distinto agente do Banco de Portugal nesta vila.

Retirou para a sua residência em Vilarinhos-S. Brás de Alportel, a sr.^a D. Fernanda Batista Primitivo Pires, com seu esposo sr. António Mariano Pires e seu gentil filhinho.

Está nesta vila em gozo de férias, o sr. Joaquim José Capa Horta Correia, aluno do Instituto Superior Técnico.

Regressou de Lisboa o nosso prezado assinante sr. Manuel Cumbreira Correia, com seu filho sr. João Manuel Abecassis Correia, aluno do Colégio João de Deus.

Encontra-se em Monte-Gordo, passando a época balnear o sr. Eurico Duarte Baltazar, aluno do Instituto Superior Técnico, filho do nosso estimado amigo sr. Diamantino M. Baltazar.

Esteve nesta vila, de visita a sua família, tendo já regressado a Lisboa, o sr. António José Madeira, funcionário do B. N. U. e nosso prezado assinante.

Com sua esposa foi a Alcácer do Sal, tendo já regressado o nosso prezado amigo e assinante sr. João Gomes Sanches.

Com seu filho Armando António, encontra-se em Lisboa a sr.^a D. Amália de Mendonça Rocha Cruz, esposa do nosso prezado amigo sr. Armando Rocha, proprietário e editor do nosso jornal.

Encontra-se entre nós o sr. António Manuel Capa Horta Correia, aluno do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

Em gozo de férias, encontra-se nesta vila o sr. Fernando Vargas Marques, aluno do Instituto Superior Técnico, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. José Rodrigues Marques, vice-presidente da Câmara Municipal.

Seguiu para Lisboa onde tomará o Pacote com destino a Benguela, a sr.^a D. Francisca Cristina Peres Domingues, onde fixará residência junto de seu esposo sr. António Deleyto Domingues, que há tempo exerce a sua profissão naquela cidade.

Foram a Lisboa assistir ao funeral do nosso saudoso amigo sr. Inácio Fernandes Branco, os nossos prezados amigos sr. Emilio Diogo Costa acompanhado de sua esposa, e o sr. Manuel da Silva Domingues, conceituado industrial.

Foi transferido, a seu pedido, da secção de Faro para a de Olhão, o nosso prezado amigo sr. João Novak, aspirante de finanças.

Encontra-se em Lisboa, de visita a sua família a sr.^a D. Maria de Lourdes Aleixo Piloto, com seus filhos José Manuel e Emilio, esposa do nosso estimado amigo sr. Emilio Tenório Piloto, fun-

Noticiário da Província

QUARTEIRA

Esta praia, que promete, no corrente ano, ter larga concorrência, prepara-se para proporcionar a todos uma agradável época balnear. Entre outros, melhoramentos, aprez nos registar o funcionamento de um balneário público, anexo ao restaurante «Toca do Coelho». Também o Cinema Mariani, esplanada ao ar livre, iniciou a sua época com uma boa selecção de filmes.

No dia 2 de Agosto abriu o Parque de Diversões, uma das principais atracções desta Praia, tendo a Junta de Turismo contratado para o mesmo a famosa orquestra do salão de chá do «café» Chave de Ouro, de Lisboa; dirigida por João Alfredo Lopes, e animada por um dos melhores vocalistas da Capital—e.

PORTIMÃO

Esta progressiva e encantadora cidade, embeleza-se dia-a-dia. O ritmo acelerado das construções e a moderna arquitectura dos seus prédios, valoriza cada vez mais a Capital do barlavento algarvio. Entre as novas construções, salientam-se, pelo bom gosto e valor arquitectónico, grande parte dos seus estabelecimentos comerciais, graças ao espírito empreendedor e louvável bairrismo dos comerciantes portimonenses, que se não poupam a sacrifícios para que a nossa cidade ocupe um lugar de primária.

Assim o compreendeu o nosso prezado amigo, sr. Francisco Oliveira, que, no passado dia 6, inaugurou as novas instalações da «Fotografia Oliveira», de concepção moderna. Com óptimas instalações, uma artística fachada, decorada com um interessante reclamo, a néon, dos materiais fotográficos «Adox» de que é agente nesta Cidade, e uma esplêndida vitrine destinada a exposições, este novo estabelecimento de fotografia muito valoriza o comércio portimonense, motivo porque felicitamos o seu proprietário.—e.

ALBUFEIRA

Realizou-se no passado domingo em Albufeira, a cerimónia da inauguração da nova sede da Delegação da Casa dos Pescadores, instalada com edifício que reúne para o efeito as necessárias condições.

A linda vila Algarvia viu assim realizada uma das suas mais justas aspirações, ficando dotada de um melhoramento que absolutamente se impunha, visto ter nas lides do mar uma das suas mais importantes condições de vida.

LAGOA

Foi concedida pelo sr. Ministro das Obras Publicas da verba do Fundo de Desemprego, à Câmara Municipal de Lagoa, uma comparticipação de esc. 103 500,00, para construção do Mata-douro Municipal.

cionário da Câmara Municipal desta vila.

Esteve nesta vila, tendo já retirado para Beja o nosso prezado assinante sr. João Ilidio Setubal, funcionário do Banco Nacional Ultramarino naquela cidade.

De visita a seus pais, encontra-se em Canela o sr. Dr. Francisco Mendes Tengarrinha Junior, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. Francisco Mendes Tengarrinha, conceituado comerciante naquela vila.

Falecimento

Faleceu em Lisboa, vitimado por uma embolia o nosso conterrâneo sr. Inácio Fernandes Branco, de 57 anos, comerciante exportador de madeiras. O extinto era casado com a sr.^a D. Rosa dos Santos Horta Branco e pai dos nossos prezados amigos srs. Capitão Fernando da Silva Branco, Dr. Inácio da Silva Branco e da sr.^a D. Maria Amália da Silva Branco Ribeiro, casada com o sr. Asdrubal Gomes Ribeiro, residente em Lourenço Marques.

A família enlutada apresentamos condolências.

EXAMES

Prestou provas brilhantes no exame do 2.º ciclo liceal, tendo obtido as maiores classificações e ficando dispensada da parte oral, a menina Maria de Fátima Rodrigues Prazeres, de catorze anos, gentil filha do nosso prezado assinante e amigo sr. Dr. Reinaldo Prazeres.

FARO

Realiza-se hoje, por iniciativa da Comissão das Festas Pro-Sporting Clube Farenses, um Rallie de bicicletas motorizadas que está despertando o mais vivo interesse e para o qual a comissão conta com valiosos prémios.

LUZ DE TAVIRA

Comparticipação

Pela Junta Central das Casas do Povo, foi concedido à Casa do Povo de Luz, um subsídio de 5.000,00, para apetrechamento do seu posto médico.

Casamento

No dia 18 do corrente, na Igreja de Nossa Senhora da Luz, sendo celebrante o Rev. Padre José Arsénio Aguiar, Pároco desta Freguesia, realizou-se o enlace matrimonial da sr.^a D. Maria da Conceição Correia Magro, prezada filha da sr.^a D. Maria Isabel Gomes Correia Magro e do sr. José Agostinho Correia Magro, proprietários e residentes nesta freguesia, com o sr. Lourenço Manuel Mendonça, filho da sr.^a D. Florinda da Conceição Lourenço Mendonça e do sr. José Mendonça, proprietários, em S. Brás de Alportel.

Testemunharam o acto, por parte da noiva, a sr.^a D. Maria Amélia Gomes Passos Correia e o sr. Dr. Gabriel Pereira de Medeiros Galvão, e por parte do noivo seus irmãos sr.^a D. Rosa Maria Lourenço Gonçalves e o sr. José Afonso de Mendonça.

Após a cerimónia, foi servido um copo de água a todos os convidados em casa dos pais da noiva.

Aos simpáticos noivos desejamos-lhe uma vida venturosa.—e.

Cruzeiro à Madeira

No moderno Pacote «Império» de 19.000 toneladas oferecendo a maior comodidade, realiza a Casa Atlântica de Viagens, Lda., nos dias 21 a 25 de Setembro, um cruzeiro à Madeira, dedicado aos participantes do XV Congresso Internacional de Cirurgia, sob o patrocínio do Secretariado Nacional da Informação.

As inscrições terminam no dia 31 do corrente e oferece uma viagem por cada grupo de onze pessoas que se inscreva no cruzeiro.

Aos nossos assinantes

Conforme oportunamente informamos os nossos estimados assinantes, estão em cobrança os recibos referentes ao primeiro período de assinatura, dos numeros 1 a 10 inclusivé, no importe de Esc. 9\$90.

Sendo a cobrança feita pelo correio, a todos solicitamos o favor de não deixarem devolver os referidos recibos.

As assinaturas das Colónias Portuguesas, e bem assim do estrangeiro, agradecemos a sua remessa pela via mais rápida e económica.

Prédio na Praia de Monte Gordo

VENDE-SE

Frentes para: Rua Gonçalo Barco, 19 Largo da Igreja, 24 e uma Travessa.

FACILITA-SE PAGAMENTO

Pedir chave à sr.^a SÚLPICIA, Rua António Nols, 31—Monte Gordo.

Dirigir a Evaristo Melo Vasconcelos Rua Fernandes da Fonseca, 12-2º Telefone 28034—LISBOA

TAVIRA

Decorreram com desusado brilho e muita animação as festas que se realizaram nesta cidade, nos dias 15 e 16 do corrente, em honra de Nossa Senhora do Carmo. No segundo dia das festas visitou Tavira, pela primeira vez, oficialmente, o sr. Bispo Coadjutor do Algarve, D. Francisco Rendeiro, que foi alvo de significativas homenagens.

O rendimento liquido destas festividades destina-se ao restauro do formoso templo de Nossa Senhora do Carmo.—e.

OLHAO

DIZ-SE...

...que o S. C. Olhanense está interessado no treinador de futebol, Armando Martins, ex-orientador técnico do Sporting Clube de Braga, quando a massa associativa local esperava que fosse contratado para esse cargo o espanhol José Lopes.

Parece, entretanto, confirmar-se a primeira hipótese.

José Lopes talvez ingresse no S. C. Farense, acompanhado de dois elementos espanhóis—com o que muito virão a lucrar os desportistas da capital algarvia.

...que os espanhóis Garcia e Molina, que a época passada representaram o Portimonense Sporting Clube, já renovaram o contrato com aquele clube para a época de 1953/1954, depois de se dizer que não chegariam a acordo com o clube algarvio...

Ao que parece receberam ótimos prémios para renovação do contrato.

...que o S. C. Olhanense está interessado nos serviços dos jogadores—Germano, Alfredo, Conde, Osvaldo e Rodrigues, respectivamente do Lusitano de Vila Real, S. C. Farense, Vitória de Setúbal, Elvas e Portalegrense.

Seriam boas aquisições para os velhos campeões algarvios, que tanto necessitam reencontrar-se a si próprios.

...que João Tomás, jovem atleta do S. C. Olhanense, tem vários clubes que se estão a interessar pelos seus serviços.

Alem de muitos convites, João Tomás foi assediado pelo Vitória de Setúbal. Ao que parece o Olhanense não dispensa esta época qualquer jogador, desejando, antes, adquiri-los.

E' sem dúvida uma boa resolução, esta, da direcção do Olhanense, tanto mais que este jovem promete vir a ser um excelente jogador.

GERTEZAS...

No passado domingo, em Moncarapacho, o Arsenal, de Olhão, impôs um empate a zero bolas ao grupo local.

Apesar do clube de Olhão não ter alinhado com todos os seus titulares, faltando pelo menos seis jogadores do seu 1.º team, mostrou boa forma; e teve no seu guarda redes, Cravo, o melhor elemento do encontro, a êle se devendo, em grande parte, o bom resultado obtido.

No passado dia 9, depois de passar, nesta vila, alguns dias de repouso, com sua família, regressou a França o internacional português Fernando Cabrita.

Terminaram, no passado dia 11, na Avenida da República, deata vila, os festejos populares promovidos pelo Sporting Clube Olhanense, de colaboração com a Comissão Municipal de Assistência. As festas, como já acentuámos, decorreram este ano com grande brilhantismo e boa assistência.

Na noite de 17 do corrente, na sala de festas da S. R. P. O., realizou-se, por convocação do Presidente, uma assembleia geral extraordinária do S. C. Olhanense, em que foram tratados assuntos do maior interesse para a vida do clube.

No próximo número deste jornal nos referiremos em detalhe, aos problemas nela debatidos—Herculano

AGENDA

Movimento da Bota de Vila Real de Santo António

Vendas efectuadas de 17 a 23 de Julho:

Trainceiras:

Carmela	29.701\$00
S. Domingos	40.220\$00
Batinha	119.700\$00
Levante	68.580\$00
Flor do Sul	18.170\$00
Raulito	115.540\$00
Maria Rosa	14.940\$00
Deolinda Rita	78.610\$00
Pérola do Guadiana	108.110\$00
Norte	91.810\$00
Leste	58.240\$00
Liberta	14.910\$00
Janita	70.090\$00
Manuela	88.900\$00
Flor do Guadiana	88.415\$00
Agadão	4.505\$00
Tufão	20.810\$00
Brisa	56.785\$00
Boreal	112.610\$00
Jorge Carlos	14.550\$00
Briosa	84.335\$00
Total	1.129.440\$00

Cercos:

Maria do Mar	87.190\$00
Amazona	82.705\$00
Portugal 2.º	49.280\$00
Total	119.175\$00

Atum da Costa Algarvia

1.608 Atuns	1.371.291\$20
573 Atuarros	258.550\$00
281 Albacoras	78.551\$00
20 Cachorretas	1.889\$20
Total	1.700.282\$10

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 10 a 23 de Julho:

Entrados:

PRIMERO, Marroquino, de 403 toneladas, de Port Lyantey, com pessoal das armações.
COLARES, Português, de 1.158 toneladas, de Lisboa, vazio.
SILVA GOUVEIA, Português, de 893 toneladas, de Lisboa, vazio.
COSTEIRO, Português, de 629 toneladas, de Lisboa, vazio.
MARE NOSTRUM, Porto Rico.
MAURO SANTE, Italiano.
SAN PIERO, Italiano.
SILVA GOUVEIA, Português.
COSTEIRO, Português.

Saídos:

PRIMERO, Marroquino, para Port Lyantey, vazio.
COLARES, Português, para Antuerpia, com minério.
MARE NOSTRUM, Porto Rico.
MAURO SANTE, Italiano.
SAN PIERO, Italiano.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 25 a 31 de Julho a Farmácia Carmo, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

HORÁRIO DE CAMIONETES

Entre Vila Real e Monte Gordo:
Partidas de Vila Real—às 8,20, 9, 10, 12,15, 13,15, 17,15 18,15, 19,15, 21,30 e 22,30 horas.

Partidas de Monte Gordo—às 8,35, 9,15, 10,30, 12,45, 13,45, 17,45, 18,45, 20,30, 22 e 1,30 horas.

Este horário tem início em 1 de Agosto até 30 de Setembro.

Vila Real - Faro.

As 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa)- 9,50 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,30 18,30.

HORÁRIO DE COMBOIOS

Partidas de Vila Real - Lisboa:
Rápido às 13,13, às Segundas, Quartas e Sextas.

A partir de 1 de Agosto, todos os dias. Correo, às 21,33 todos os dias.
Partidas de Vila Real - Lagos.
As 6,38, 15,43, 16 e 18.

A. N. T. — DISPENSARIO

Dr. João Mateus Abecassis

Médico:

Dr. Reinaldo Fraseses

Segundas e sábados — Crianças.
Terças-feiras — Homens.
Quartas e sextas-feiras — Rastreo e B. C. G.
Quintas-feiras — Mulheres.
Início das consultas das 8,30 às 12,30.

SEGUROS QUALQUER FAZ BEM FEITOS NÃO SÃO TODOS!

Srs. Segurados... seguros qualquer faz, bem feitos não são todos; se querem dormir descansados, devem escolher sempre uma boa Companhia e o seu Agente

ANTONIO SOARES

AGENTE DE SEGUROS

REPRESENTAÇÕES — COMISSÕES — CONTA PRÓPRIA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CABOTINISMO

NA GENERALIDADE, o português, por fadole e por temperamento, não é muito inclinado às atitudes extravagantes, aos golpes teatrais. Vivendo uma vida habitualmente modesto e pacata, apreciando os pequenos prazeres que dá a vida caseira não alimenta sonhos desmedidos ou ambições que excedam as suas possibilidades. Tem um senso prático apuradíssimo, que não constitui um dos seus menores méritos.

Vivendo uma vida muito terraz-a-terra, embora um tanto fastidiosa e medíocre, não se deixa embalar pela música aliciante das loas vindas do reino da fantasia. É um realista forjado e robustecido no combate duro pela sua existência.

Quando lhe acontece enveredar por caminhos para o que não estava devidamente preparado, ou para cometimentos que ultrapassavam as suas qualidades, o português, reduz-se novamente à sua insignificância, à sua humildade de ser comum, de pessoa vulgar. É possível que guarde no fundo da sua consciência os resabios amargos das tentativas frustradas, o verde de dos vãos malogrados, mas permanece sempre o mesmo homem; um pouco acobardado, mas digno. É essa dignidade vem-lhe do pudor, da vergonha, que são outras tantas virtudes da nossa maneira ser. Errar, todos mais ou menos erram, já que o homem não é máquina que possa dirigir e orientar os seus movimentos com aquela precisão e mestria que era de desejar nos seres humanos. A infalibilidade dos nossos actos e acções é fenómeno ainda a averiguar, um tanto discutível. Mas, isto não quer dizer que o português seja totalmente refractário aos espectáculos das vaidades pessoais, a essa adulação do nosso respeitável «eu», à esse narcisismo que se manifesta por vezes, explosivo e caricato, em certos homens que procuram fugir à tal mediocridade, insignificância e humildade da nossa vida rasteirinha e trivial. Porque, o português, quando quer, também sabe dar magistrais lições do mais puro e extremo cabotinismo.

No 1.º semestre de 1953, foram descarregadas no pôrto de Vila Real de Santo António, **4.146 toneladas de peixe** no valor de **24.227.294\$80**

FÓI apreciável a pesca em Vila Real de Santo António, no 1.º semestre do corrente ano, superando em quantidade e valor, em igual período de tempo, a de 1952. O pescado descarregado neste pôrto, durante os últimos seis meses, totalizou 4.146 toneladas no montante de 24.227.294\$80, mais 1.619 toneladas do que no 1.º semestre do ano passado, cujo rendimento foi de 15.878.587\$90.

Nota do rendimento do pescado no 1.º semestre de 1953:

Atum e s/ espécies	Kg. 1.320.028 — Esc. 11.957.163\$20
Biqueirão	» 2.006.100 — » 10.011.244\$00
Sardinha	» 802.294 — » 2.155.440\$00
Peixe diverso	» 18.214 — » 103.447\$60
	4.146.636 24.227.294\$80

Proveniência do pescado:

Cercos e Traineiras	12.141.563\$00
«Armações» de atum da costa do Algarve	6.743.362\$60
id. id. de Marrocos	4.670.248\$00
Vapor atuneiro «Rio Águeda»	540.805\$20
«Artes» de sardinha, aparelhos (anzol) e outras	126.316\$00
	24.227.294\$80

Na sua singeleza, estes números dizem bem da importância e valor do pôrto piscatório de Vila Real de Santo António e do seu contributo para a economia da Nação.

POR RODRIGUES PENA

mo, e fazer concorrência às ideias mais extravagantes que nos vêm lá de fora, via Paris ou Hollywood.

Sendo um ser naturalmente tímido, inimigo do ruído das fanfarras, o português também sabe fazer barulho à sua volta. O cabotinismo anda sempre ligado a uma falsa originalidade. Por teima ou por convenção, começa por mostrar-se adversário de tudo o que se lhe afigura transgredir com a tradição. Mas, como o cabotino perdeu o verdadeiro senso das realidades e a devida proporção das coisas, não sabe separar o que é válido do que é inútil e ultrapassado nessa tradição. Ora, nos negócios da cultura, há que ter o devido respeito por aqueles que nos legaram a sua valiosa contribuição e vieram enriquecer o nosso património cultural. Isto de sempenhar o papel de iconoclasta da cultura à imagem de zaragatoiros que pretendem varrer a feira das letras que todos os nomes que fazem sombra aos novos pujantes talentos, é puro cabotinismo, ostentosa farsa. Quem vem para a vida com boas intenções, que apresente as credenciais de honestidade e valor pessoal e deixe os oufros em paz — abra o seu caminho como quisier e puder, mas não traga escondida a navalha aberta nas mangas do casaco, e nos bolsos o veneno pérfido da mentira e da insolência. Que isto, dizer que um Eça só nos deixou o estilo, ou um Oliveira Martins só soube envenenar o nosso pensamento, são coisas que já não pegam mesmo a poder de saliva.

Depois, estas coisas de cultura, diabo, exigem pudor, respeito, consideração — e mesmo um bocadinho de humildade e de gratidão não ficam mal a ninguém, mesmo àqueles que se considerem génios. Que isto, vir de tamancos e agulhada afiada para o campo das letras como se vai para a campina a choutar os assnos, é atitude de labregos e não de homens de letras que se prezam. Fazer também da cultura palco de cabríficos, cam-

po de prestidigitações habilidosas, palhacices grotescos de barraca, e irem para aí exibirem todo o seu ridículo, só para mostrar que são capazes de imitarem um Pitigrili e dizerem umas gracinhas muito tolas, não dignifica a cultura nem se prestígam a eles próprios. Mais respeito, meus senhores! Mais respeito pelos nomes e obras dos outros! E se teimarem prosseguir em tal carreira, se lhes fugiu da consciência o mínimo de senso e pudor, estabeleçam casa aberta, vistam-se de arlequins, então o público acorrerá ao vosso toque de caixa, que não vos regateará francos aplausos e boas gargalhadas e que vos bem mereçais como bons palhaços que sois!

A FESTA ANUAL EM HONRA DE NOSSA SENHORA da Encarnação

ESCLARECIMENTO

DE HÁ TEMPOS a esta parte, Vila Real de Santo António não tem correspondido às exigências impostas pela realização das solenidades religiosas que celebra anualmente com mais esplendor: *Semana Santa e Festa da Padroeira — Nossa Senhora da Encarnação*. Enquanto as despesas aumentaram, as receitas têm decrescido, deixando-nos déficits por vezes elevados. Basta referir que as últimas festas da Semana Santa e de Nossa Senhora da Encarnação nos deixaram respectivamente os déficits de 2.288\$10 e 2.089\$20.

No último ano, a Comissão que efectuou o peditório para a festa da Padroeira recolheu apenas a importância de 2.487\$50, na nossa Vila. Entretanto, só a deslocação da banda de música importou em 2.200\$00, ascendendo o total das despesas a mais de 7.000\$00.

Ninguém ignora que, com a extinção da filarmónica local, novo e pesado encargo se impôs à realização das referidas festas, que não contam com outras receitas além das que lhe oferece a generosidade dos fiéis.

Pretendemos com esta exposição esclarecer a opinião pública e prevenir os habitantes da nossa freguesia, afim de não se revelar estranheza se, de futuro, dos programas das referidas festas formos forçados a excluir as tradicionais procissões, e, na festa da Padroeira, também o habitual concerto musical e o fogo de artifício. A responsabilidade do facto não poderá recair sobre o pároco, mas sim exclusivamente sobre a maior parte dos habitantes da freguesia, sobretudo os mais abastados, por vezes desmedidos em exigências e quase sempre mesquinhos em generosidade e em correcção ao atenderem a quem lhes vai pedir.

Os vilarrealenses, se tiverem algum apreço pelas suas tradições religiosas, ditarão com o seu procedimento futuro se querem manter as suas poucas manifestações de culto externo.

23 de Julho de 1953

(Da Secretaria Paroquial)

COMPRE «Esta riqueza que o Senhor me deu» poemas de João Bras

Campanha Nacional de EDUCAÇÃO DE ADULTOS

CONFORME noticiámos no nosso número anterior, damos seguidamente nota dos agentes de ensino que, no Algarve, estão a prestar colaboração mais activa à Campanha de educação de adultos e que, por esse motivo, foram distinguidos com louvor.

Vila Real de Santo António—Professores: DD. Emilia de Paula Paleta (20 alunos), Ana da Luz Ramos (22), Maria Amália Vital Leiria (20), Ermelinda Caleça (12), Antónia do Carmo Rafael (18), Maria Martinho Miguel (12), Maria Derruba Pires (10), Maria Júlia Vieira Amado (10), Adelina Paula de Sousa (8), Maria Isabel Pato Nunes (9), Fernanda Cavaco dos Santos (8), Maria dos Anjos Neves (6), Maria da Purificação Correia (6), Ivone Brazão Gonçalves (5), Josefa Timoteo da Graça Mourão Ribeiro (4), Maria Antónia Bentes (3), Gabriela de Sousa Rosa (4), Maria José Albino Nobre (4), Maria Violeta de Oliveira (4). Regentes de Postos Escolares: DD. Rosa Roque Rebeca do Nascimento (11), Maria Luisa Medeiros Branco (11), Almerinda Travassos Rocha (5), Alaílda da Paz Ismalia Martins Sengo (5), Ana de S. José da Silva (5).

Albufeira—Professores: DD. Maria Teresa Semedo Azevedo, Hortensia de Oliveira da Silveira Serejo, Francilina Gonçalves Bomba e Antonieta da Silva, Manuel dos Santos Júnior, DD. Maria Solange Rodrigues dos Santos Canelas, Adélia Maria Machado (regente) Maria João Vasques Forja, Veninde Ribeiro Fagundes, Maria Helena Alves Veiga, Maria do Céu Pinheiro Coelho, Dulce Natália de Oliveira, Maria Pereira Neves, Natalina Dourado Brasão, Maria Alexandrina Boal Leote, Maria Antonieta de Almeida Carolino, Maria Zulmira Oliva da Silva, Maria Vitória Martins Pontes, Maria do Carmo de Sousa Mendonça e Maria Margarida da Purificação Silva. Regentes de Postos Escolares: DD. Helena dos Santos Silva, Viviana da Silva Seródio, Maria Elisa Vieira Leote, Maria José Marcelino e Maria Quitéria Palma.

Alcofium—Professores: José Maria Mendes Amaral (delegado escolar) e DD. Idalina dos Santos Cavaco, Maria Celeste Martins, Maria de Jesus Carrilho, Maria Arsenia Pereira Gil, Maria Alda Martins Vargas e Maria Angelina Lourenço. Regentes: DD. Maria Lúcia da Luz, Albertina Palma Sanches, Arminda Adanjes Lola, Margarida Travassos de Brito, Maria da Felicidade Telo, Clarisse Cunha, Zulmira Carapeto Godinho, Adélia Maria, Constança dos Santos Parreira, Maria Gonçalves Brazido e Ana da Encarnação Oriola.

Aljezur—Professores: DD. Ilda Sales Valentim, Emilia de Almeida Junça, Isaura de Oliveira Reis, Maria da Assunção da Cruz Maquias e Maria Inácia Torégão. Regentes: DD. Maria Emilia Rosa Duarte, Maria das Dores do Carmo e Maria Paulina Seita.

Castro-Marim—Professores: DD. Hortense da Luz Palmilha, Ester da Soledade Fidalgo, Maria Ivone da Silva Padeiro, Emilia de S. José Cabrita e Felisbela Maria José, José Pedro Pires Parra, DD. Francisca Santos Costa, Maria do Rosário Vivaldo e Nidia Arrais Horta. Regentes: DD. Judite dos Reis Rosado, Clotilde Romão Cavaco Marçal e Maria Rolanda Geraldo Viegas.

Concelho de Faro—Professores: DD. Maria Eugénia de Oliveira Marcos e Maria Inês Aboim de Barros, José Francisco Araújo Ferreira, DD. Angelina José Martins, Helena da Conceição Pedro, Otilia Marques Correia e Maria do Espírito Santo Sousa Correia, José Inácio da Fonseca Leitão, e DD. Ilda Viegas Olival, Lucília das Dores Figueiras Mascarenhas, Júlia de Barros Moreno, Maria Francisca das Dores Guerreiro, Maria Vitória Teixeira Aboim, Manuela Assunção Vairinho e Teolinda das Dores Soares. Regentes: DD. Maria Benta, Isabel da Conceição Custódio, Joséfa dos Santos e Fernanda Guerreiro Pedroso Jorge.

Perrolas & Soares, L. da
Pescarias e Mariscos — Conservas



Comissões e Consignações

RESIDÊNCIA 100
Telef. PERMANENTE 55
ARMAZEM 200

APARTADO 12
Vila Real de Santo António

GAZETILHA GINÁSTICA

Entre as nossas forças vivas há boas iniciativas de quando em quando mostradas; umas vingam, prevalecem, as outras morrem, esquecem, por não serem secundadas.

O Náutico, ultimamente, quiz fortalecer a gente, melhorar a nossa plástica; cheio de grandes intenções chamou, sem hesitações, um professor de ginástica.

Vai a coisa caminhando, com «promessas» despontando no campo da valentia mas (há sempre um mas porém), o Clube «massa» não tem e não faz tudo o que queria...

Uma classe feminina, mais frequência masculina e era o quadro côr de rosa; vale a pena perder ócios e angariar mais cem sócios? — Vale, que a obra é jeitosa!

BIN OCLIO

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Viagem—Recebemos os dois últimos números, 152 e 153, desta interessante revista de turismo, editada em colaboração com a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e dirigida pelo ilustre jornalista sr. Carlos de Ornelas. O número 152 insere, entre outra e valiosa colaboração, um interessante artigo de Pierre Bourget sobre «Estâncias Termiais da França». O 153, número extraordinário dedicado ao Distrito do Porto, é a sequência de um outro publicado em Dezembro de 1952. Apresenta excelente colaboração de Aquilino Ribeiro, Cláudio Corrêa de Oliveira, eng. Frederico Abragão e outros.

Lavoura Portuguesa—Boletim da Associação Central da Agricultura, dirigido pelo sr. Dr. Ruy de Andrade, este número, o 41.º, refere-se ao primeiro semestre de 1953.

Publicação muito valiosa, oferece extraordinário interesse para os agricultores, bem como para todas as pessoas que se dedicam ao estudo de variados problemas relacionados com a lavoura portuguesa.

O Plano de Fomento — Principios e Pressupostos — Discurso proferido pelo senhor Presidente do Conselho, no Palácio Foz, ao inaugurar o ciclo de conferências ministeriais e a notável exposição do «Plano de Fomento». Brochura editada pelo Secretariado Nacional da Informação.

Os Nossos Filhos — Temos presente os números respeitantes a Abril e Maio do corrente ano, desta esplêndida revista especialmente dedicada aos pais e que é, no seu género, a melhor publicação portuguesa. Além de largas e utilíssimas noções de pediatria, publica valiosos ensinamentos sobre educação moral, psicologia infantil, higiene escolar, etc., em artigos firmados por médicos e professores que dedicam à criança e ao seu pequeno mundo o estudo, a atenção e os cuidados que devem merecer, sobretudo aos pais e aos educadores, os pequeninos homens de amanhã.

Punktal SOLINGEN

a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino de Miranda & C.ª L. da
R. S. Francisco, 41-Apartado 205-Porto

O CHIADO regorgitava de gente. A porta duma pastelaria o olhar de dois ou três rapazes prendeu-se nela, para logo em seguida se desviar. Empoleirada nos saltos altíssimos caminhava lentamente, de vez enquanto num gesto estudado, passava a mão pelos cabelos. Ao entrar no Sousa desequilibrou-se, um empregado presuroso ajudou-a a subir o degrau.

— «A Madame deseja alguma coisa.»

— «Quería um tecido leve, para fazer um vestido de verão.»

— «Oh! Madame, acaba de chegar um corte maravilhoso, — exclamou o empregado — Vou mostrar-lho.»

Num gesto lento, a mulher descalçou as luvas e encostou-se negligentemente ao balcão.

Na sua frente, o empregado desdobrou o corte.

— «Gosta?»

— «Não, nada disso — retorquiu irritada. — Ainda para mais para o verão. Cinzento e preto!... Julgam-me alguma velha?»

— «Mas não Madame eu...»

— «Quero um tecido diferente, com colorido — interrompeu o ela. — Algum padrão novo, com cores.»

— «Temos exactamente o que deseja. Castanho, vermelho e amarelo. Maravilhoso Madame, acaba de chegar de Paris.»

— «Vermelho, castanho, amarelo! Mas, essas cores não dizem bem.»

— «Pelo contrário Madame. Ora veja, que conjunto, que encanto!»

As mãos brancas, de unhas compridas pintadas de encarnado escuro, afloram ao de leve a seda.

— «Na verdade, — replicou — tem razão. E' estupendo! Fico com êle, 4 metros.»

A compra feita, tornou a descer o Chiado.

No Restauradores as bichas para os autocarros entrecruzavam-se num emaranhado confuso. Sentia-se cansada, doía-lhe a cabeça.

Ao fim de muitos esforços, conseguiu tomar um taxi.

Desejava chegar depressa a casa. E no fundo, para quê: Ninguém a esperava. Apenas, o silêncio... a solidão... Depois do jantar tinha que sair novamente, o cinema, o teatro. Tudo menos ficar em casa. Não podia, era mais forte do que ela. A criada ia tratar da cozinha, deitar-se e ela ficava só.

Quando chegava a casa cedo tinha que tomar pastilhas para adormecer, por isso é que saía, saía sempre e voltava tarde, cada vez mais tarde, quando a luz do dia começava a infiltrar-se pelas janelas do quarto.

Era-lhe impossível suportar o silêncio. Tinha um medo atroz que o vazio que a rodeava se infiltrasse nela, não ficando mais do que o vácuo dentro de si própria.

Ao entrar em casa foi abrir a telefonia, depois, enquanto a criada punha a mesa, foi para o quarto mudar os sapatos, doíam-lhe os pés. Sentou-se na cama e abriu o embrulho.

Castanho, amarelo, encarnado, três côres...

A música foi perdendo-se ao longe. As côres baralhavam-se-lhe em frente aos olhos. As mãos onde a pele começava a encarquilhar-se amarfanhavam o tecido num gesto lento e compassado.

Três côres diferentes, estranhas entre si, como diferentes e estranhas eram as mulheres que viviam dentro dela.

Os canudos castanhos caídos sobre as costas, presos num laço de tafetá-preto. Recordou a primeira a jóvem de sorriso ingénua

OS NOSSOS CONTOS

«TRÊS CORES»

e olhar terno que fora outrora.

Conhecera João amara-o, como se ama aos 18 anos, com anseio, com ternura.

Fora feliz, casara.

Mas João, gostava de dançar, beber, jogar. Ela, preferia ficar em casa. Quando saía com ele, sentia-se desnordeada, perdida, naquele mundo que lhe era desconhecido.

Ele, censurava-a, para lhe ser agradável começou a acompanhá-lo. As «Boites», os dancings, o bridge, tinham-se-lhe tornado um hábito, assim como ao

FOR
VERA PONCE DE LÉON

olhar-se no espelho o rosto cansado de cabelos platinados lhe era familiar, o outro, doce, terno, ingénua desaparecera para sempre. Mais tarde, José Manuel entrara na sua vida, era seu partenaire no bridge e no Samba essa dança moderna que fizera furor ao aparecer na Europa.

José Manuel era encantador e principalmente jogava bem e dançava melhor. A mulher que João fizera nascer nela, sucumbira à

tentação e fugira com êle.

— «Coitado do João. Tão bom rapaz. A mulher uma doída. Ela foi sempre uma doída.»

Mas, no meio em que ela vivia, ser doída era natural e ter um passado era *chique*.

A canasta sucedeu ao bridge, os cabelos platinados deixaram de se usar.

Ela seguia a moda.

Diziam que as ruivas eram pavorosas; Na verdade chamavam *acaju* aquela nova côr que toda a mulher elegante devia usar.

Electricidades de nome contrário atraem-se e do mesmo nome repelem-se.

José Manuel bebia 2 whiskies, a mulher outros 2. Ele jogava

(CONCLUI NA 8.ª PÁGINA)

OS VENCIDOS DA VIDA

Ao Sr. Dr. João Domingues Medeiros

Há uns cinco anos, meu amigo, numa noite calma de Agosto, em que leve a gentileza de me acompanhar à estação de caminhos de ferro, onde ia tomar o comboio, pediu-me que desse à publicidade em Vila Real de Santo António, a minha gravura «Os Vencidos da Vida», e a fizesse acompanhar por um estudo sobre o celebre «Grupo» jantante, que tanto irritou a sociedade lisboeta do seu tempo.

Não o fiz então, nem eu sei já bem porque motivos. Faço-o hoje, gostosamente, para lhe significar que me não esqueci do vosso pedido.

Consinta, pois, meu querido amigo, que lhe dedique e ofereça este modesto trabalho, como prova da minha consideração e estima que me merece, e oxalá, ele tenha a altíssima virtude de corresponder, ao que de mim esperava, quando me honrou com o vosso convite.

M. S. C.

À POR alturas de 1888, um grupo de amigos começara a reunir-se mensalmente em volta de uma mesa de hotel ou restaurante, no intuito de jantar e de combater em conjunto o crescente fastio da vida. Eram eles: António Candido, Conde

das no «Augusto», não podia desejar nada melhor. Por isso, amiudara agora as suas visitas a Portugal, só para participar desses jantares no «Bragança», que tanto barulho vinham fazendo na imprensa do País.



Os Vencidos da Vida: Da esquerda para a direita: Sentados. António Candido, Conde de Ficalho, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão. De pé: Bernardo Pindela (Conde de Arnoso), Guerra Junqueiro, Marquês de Soveral, Oliveira Martins, Carlos Lobo de A'vila (Carlos Valbom), Carlos Lima Mayer e Conde de Sabugosa

de Ficalho, Ramalho Ortigão, Bernardo Pindela (Conde de Arnoso), Guerra Junqueira, Marquês de Soveral, Oliveira Martins, Carlos Lobo de A'vila (Carlos Valbom), Carlos Lima Mayer e Conde de Sabugosa.

Eça de Queiroz, então em Paris, foi, desde logo, considerado adepto do grupo jantante. Os componentes, todos seus amigos, pareciam escolhidos a dedo por si. Quem como ele, guardava tão boas recordações das ceias nas «Tias Camelas» e das noita-

E, todavia, tudo se fizera sem intenção, muito espontaneamente e sem alarde.

Por isso, não constituía nem uma associação, nem um partido, nem um cenáculo. Não tinha nem estatutos nem programa. Só existia entre eles a afinidade espiritual e a simpatia entre homens que gostavam de trocar impressões sobre os acontecimentos da vida contemporânea. Apenas, como o grupo precisava dum nome, Oliveira Martins, então às voltas com o seu

Eça de Queiroz, o primeiro novelista; Ramalho Ortigão, o primeiro crítico; Oliveira Martins, o primeiro historiador; Guerra Junqueira, o primeiro poeta, etc., etc.

Então, Carlos Mayer respondeu:

— Eu sou, seguramente, o maior «careca de Portugal»... e, descobrindo-se, põe à mostra a sua enorme e luzidia calva...

Outros versados em assuntos portugueses, viam na designação

(CONCLUI NA 8.ª PÁGINA)

Silves

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ao rio, tudo o que retiraram do seu leito foi depositado naquela margem que tem, assim, avançado, a ponto de ter tornado mais estreita a faixa navegável. Basta dizer-se que há muitos anos se nota que a ponte não está apenas sobre o rio, mas também sobre uma parte de terrenos cultivados.

Entremos, agora, na cidade, confiadamente, pois já não oferece os perigos das emboscadas de guerra: é, pelo contrário, uma cidade inteiramente aberta, uma cidade indefesa — indefesa e triste! Dir-se-ia que Silves tem saudades de Chelb e do tempo em que era considerada a Pérola do Chenchir! E' desse tempo o famoso Shara-djib — um palácio árabe que a tradição diz ter existido nas proximidades da Oliveira da Guerrilha, em frente da Quinta de Mata-Mouros, espelhando suas linhas esbeltas nas águas tranquilas do Arade.

Silves ficou muito mutilada com as guerras, que a desfearam e fizeram perder a sua riqueza e a sua opulência. Com o rodar dos anos, retiraram-lhe a Sé Episcopal e o destacado lugar que tinha nas Côrtes, reduziram-lhe a comarca, que abrangia Lagos — e até o terramoto de 1765 fez ruir alguns dos seus edifícios, provocando desolação e morte.

Silves, em si, continua com as características de terra antiga mas caída em desgraça. Di-lo o assimétrico dos arruamentos mal calcetados; a falta de construções ao gosto moderno; a ausência de eficientes condições sanitárias na parte alta da cidade.

E' preciso ter-se nascido em Silves e calcorreado as suas ruas a caminho da escola ou nas brincadeiras de criança e nos folguedos de rapaz; é preciso ter-se constituído família em Silves e aqui ter visto nascer os filhos, para ter amor a esta terra. O forasteiro, não obstante a maneira galharda como a cidade costuma receber, foge de ficar uma noite em Silves porque não encontra as comodidades que a vida moderna já oferece a quem viaja.

Em Silves, há muito que demolir; há muito que urbanizar. Mas o Município não tem receitas para obras de tão grande monta e nada poderá fazer se o Estado não o auxiliar. Haja em vista o que se tem passado com o mercado de frutas, que há anos se faz, inteiramente a descoberto e, portanto, sujeito às intempéries, na Rua José Estêvão. O que se está a construir, há já algum tempo, no largo fronteiro ao cais, sofre os naturais efeitos da falta de verba e só aos poucos se tem visto ir erguendo. No entanto, Silves merece que olhem mais por si; Silves precisa que lhe façam melhoramentos, que lhe enxertem as *voronóscas* glândulas do Resurgimento...

Em suma: é necessário pôr a urbe à altura de poder corresponder aos benefícios que hão-de resultar das obras da sua Barragem e da irrigação dos seus campos, agora integrada no Plano de Fomento Nacional.

Rul de Chelb

UMA AVENTURA MUSICAL

VI

PRONTAMENTE me responde o ilustre amigo Dr. Hourcade: «*Hélas! Je ne possède pas dans notre bibliothèque l'ouvrage dont vous auriez besoin et je n'en connais aucune édition récente*... — o romance de Jean d'Arras sobre *Mélusine*.

Em face disto, vou bater directamente a outra porta... A Casa francesa *Spécia* envia mensalmente, creio que a todos os médicos, uma excelente revista ilustrada, *Médecine de France*, luxuosamente apresentada e magnificamente colaborada, numa das secções da qual o editor se põe à disposição dos leitores para qualquer espécie de informações concernentes a obras de arte ou livros raros... Lembrando-me disto, já lá escrevi a Mr. Olivier Perrin, comunicando-lhe o meu desejo de obter o velho romance de Jean d'Arras em qualquer edição que seja, a fim de o poder ler para um trabalho entre mãos.

Enquanto espero porém, não quero deixar de observar aqui que com a *prata da casa* já alguma coisa tenho fabricado: um argumento dançante, em quatro ou cinco quadros, precário embora, dada a minha quase nula veia poética...

Claro que será este argumento o meu último recurso, e, em qualquer caso, o tema indispensável para a elaboração musical.

Se o saudoso Cândido Guerreiro se não tivesse ausentado já, definitivamente, do nosso convívio amigo, seria ele o indicado para architectar-me o argumento desejado...

Dado porém este desamparo, será insânia recorrer aos algarvios poetas vivos, tentando a sua adequada colaboração?

Daqui me atrevo pois a dirigir um apelo à veia poética de *tutti quanti*... Limito-me a enumerar os conhecidos e amigos de quem neste momento me recordo, e cujos méritos excuso de pôr em relevo: o excelso solitário Emiliano, o filosófico cirurgião Balté, o meritíssimo sonhador Hernani, o espontâneo vate Isidoro, o conceituoso glosador Marques, o juvenil fantasista Mascarenhas, o impetuoso bardo Castela, o pictórico rimador Adriano, o subtil artífice Pereira, o terníssimo cantor Brás...

E para todos eles—estes conhecidos ou outros que me não vêm à memória presentemente, e mais a coorte que ignoro—aquí vai o esquema temático da matéria que até agora consegui congrega sobre a lendária história da simpática e triste fada.

Melusina seria filha de Elinas, um rei da Irlanda que se teria tornado também rei da Albânia (Escóssia) e da fada da Pressina. Às convenções do seu casamento teria porém faltado por fim Elinas, e então, Pressina, com as suas três filhas,—Melusina, Palestina e Melior,—teria deixado seu marido e ter-se-ia retirado para Avalon, o país das fadas.

Melusina, indignada contra seu pai, arrasta as irmãs a vingarem a mãe...; mas Pressina, em vez de aprovar esta vingança, castiga Melusina: todos os sábados, a pobre Melusina será transformada numa espécie de monstro, meio-mulher, meio-serpente. Jamais o seu marido a deverá ver sob este aspecto; e se ele não infringir esta proibição, Melusi-

na, em vez de sofrer a triste imortalidade das fadas, tornará a alcançar a felicidade que perdera pela sua falta; o *viver e morrer como uma mulher natural*. «Todas as narrativas (observa Lucie Goyau) concordam em representar Melusina como grande construtora, sábia conselheira; hábil educadora, servindo causas cris-

bre a relva florida, ao luar da meia-noite. O jovem cavaleiro Raimundino que matara na caça, por acidente, seu tio, o conde Aimery, e anda fugido, vem a passar por ali. Encontrando as belas desconhecidas entre as quais Melusina brilha de uma beleza soberana, enamora-se dela e quer desposá-la.

Lealmente ela põe-lhe a condição fmosa: nunca tentar vê-la ao sábado...

Raimundino, evidentemente, aceita. Celebram-se bodas, extraordinárias de luxo e brilhantismo. Melusina é uma esposa ideal, uma ideal conselheira de seu marido que sempre a segue e obtém com isso todos os sucessos. Vivem felizes. Vários filhos nascem ao casal abençoado. Melusina é uma mãe exemplar. Quando os dois filhos mais velhos partem para empresas longínquas, ela dá-lhes anéis como talismans e diz-lhes: «Honrai sempre com o vosso poder a nossa Santa Madre Igreja, e sustentai-a, e sede seus verdadeiros campeões contra todos os malevolentes. Ajudai e aconselhai as mulheres viúvas, fazei alimentar os órfãos. Sede humildes, mansos, corteses, humanos para com os grandes e os pequenos... E evitai prometer qualquer coisa que não possais manter, e se prometerdes alguma coisa, não façais esperar demasiado depois da

(CONCLUI NA 8.ª PÁGINA)

pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

tãs, edificando igrejas, fundando mosteiros, socorrendo os cruzados. Assim viveu na memória dos homens a originalíssima actividade desta fada pensativa e dolorosa cuja aspiração inteira parece formular-se nestas palavras que no fim do livro tornam a vir na boca da própria Melusina, depois de terem sido ditas no começo pela fada Pressina: «Viver e morrer, como uma mulher natural!».

.....

Eis pois, junto duma fonte, que sai da rocha, num prado, a bela Melusina com duas companheiras, divertindo-se e dançando so-

CONVITE RÚSTICO

— POESIA INÉDITA —

Manhã radiosa e clara! O sol, fulgente sabre,
Despedaça da Aurora o manto côr de telha!
E a flôr, iluminada, o cálice entreabre
A sorrir, aceitando o ósculo da abelha.

Harpeja na floresta um vento alado e brando...
Dissipam-se da noite os nevoentos véus...
Devia ser assim a Natureza, quando
Acabou de faze-la o grande artista:—Deus!...

As aves são clarins, são tubas cristalinas,
Acendendo harmonias, filigranas de som...
Quando as crianças cantam, as vozes diamantinas
São igualmente belas, têm o mesmo tom!

E tu, dona gentil de todos os meus versos,
Soberana sem par de todas as quimeras,
Por quem eu trocaria célicos Universos,
Por quem eu trocaria ridentes primaveras,

Abandona, desfaz essa vida de sala,
Arremessa p'ra longe o romance banal,
Corre ao campo comigo! A natureza fala
Uma linguagem pura, fresca, natural!

Vem aspirar comigo o cheiro a vinho místico!
Podes colher, em cachos, as uvas opulentas...
A balsamina em flôr há-de afagar-te o rosto
E a barboleta beija a mão com que a afugentas...

Eu conheço um lugar (do qual já sei de côr
Toda a orografia) que é mesmo junto ao mar...
E há lá uma casinha, tão linda!, é um amor,
P'ra onde havemos inda de ir os dois morar!

Oferecer-te-ei pétalas e carinhos...
Em troca, dar-me-às teus cândidos segrêdos...
Depois iremos ver das árvores os ninhos
Com passaritos novos, trémulos e ledos!

Anda colher da lua o luminoso afago...
E gostas de remar? Faço p'ra ti dois remos,
E á noite sobre a mansa quietude do lago,
Nossos beijos infindos e doces trocaremos!

Quando eu vir que a fadiga, o sono e o cansaço
Te cerram finalmente as pálpebras formosas,
Poderás repousar no cáldido regaço
Dum leito que eu farei, com jasmims e com rosas!...

1952 — Açores

JOSÉ SEBAG

O MUNDO MARAVILHOSO DO ATOMO - IV

A ESTRUTURA DO ÁTOMO

SE BEM que a sua completa estrutura ainda esteja envolvida em mistério, muito se tem avançado no conhecimento deste mundo infinitamente pequeno que é o átomo, e admite-se hoje que é formado pelo núcleo e feixes planetários com a composição e as propriedades seguintes:

PELO
Captão António Gonçalves

1 — **NÚCLEO** — É formado por pequenas partículas chamadas nucleões e é animado de movimento de rotação próprio. Os nucleões podem ser de duas espécies: *protões* e *neutrões*.

a) **Protões** — São nucleões carregados de electricidade positiva, de massa unitária, carga unitária, e podem ser representados pelo símbolo (p^+). Estas grandezas unitárias, expressas em grammas e em unidades electrostáticas têm os seguintes valores:

$$m = 1,67 \times 10^{-24} \text{ gramas}$$

$$e = 4,8 \times 10^{-10} \text{ u. e. c.}$$

São os protões que dão individualidade aos elementos. Assim, por exemplo, todo o átomo que tiver um só protão é hidrogénio; o que tiver 26 é ferro; o que tiver 92 é urânio, etc.. Os elementos da Natureza estão classificados segundo um número de ordem, ou atómico, que vai desde 1, correspondente ao hidrogénio, até 92, correspondente ao urânio. Como se vê, o número de ordem é igual ao número de protões existentes no núcleo do elemento.

b) **Neutrões** — São nucleões de massa muito pouco superior à dos protões, electricamente neutros e existentes em todos os átomos, à excepção de certa espécie de hidrogénio. Podem-se representar pelo símbolo (N^0).

A sua descoberta deve-se ao inglês Chadwick.

2 — **Feixes planetários** — São formados por pequenas partículas, «electrões» (também designados por «negatões» ou «electrões negativos»), carregados de electricidade negativa, de massa cerca de 1840 vezes menor que a massa dos protões, e de carga eléctrica unitária, podendo-se representar pelo símbolo: (N^-).

O número de electrões é igual ao número de protões do átomo, de modo que no estado natural o átomo é electricamente séco.

Os electrões estão animados de movimento de rotação própria e giram em torno do núcleo, em órbitas elípticas, ocupando o núcleo um dos focos. Em cada órbita gira um electrão.

As órbitas estão distribuídas por feixes, sendo, portanto, as distâncias de umas para as outras muito menor, dentro de cada feixe, do que as distâncias de uns feixes para os outros.

Cada feixe de órbitas designa-se por nível. O número de níveis varia de 1 a 7.

O número máximo de órbitas em cada nível é igual a $2n^2$, sendo «n» o número de ordem do nível.

Quando um nível tem em todas as órbitas possíveis um electrão, diz-se saturado. O último nível de cada átomo nunca tem mais de 8 electrões (octeto).

Pelo estudo da distribuição dos electrões nos diferentes níveis dos átomos, no estado normal, correspondentes aos diferentes elementos da natureza, que se encontra esquematizado na tabela de Stoner, conclui-se que:

— Até ao elemento de número atómico 18 (argon), os electrões não ocupam novas órbitas sem as anteriores estarem completamente preenchidas, não se verificando tal facto daí por diante.

— As propriedades químicas dos elementos dependem unicamente do número dos electrões do nível exterior.

Em virtude deste último facto, os elementos de igual número de electrões no nível exterior devem ocupar a mesma coluna do quadro de Mendelejeff, porquanto, ao elaborá-lo, em 1869, teve o seu autor a visão de distribuir os elementos por ordem crescente dos seus pesos atómicos, segundo linhas horizontais, deixando nas mesmas colunas os elementos de idênticas propriedades químicas.

Este quadro foi de grande utilidade, porquanto, tendo ficado várias casas vazias, ao ser elaborado, orientou os químicos na descoberta de novos elementos, encontrando-se hoje todas as suas casas preenchidas.

O empirismo do quadro de Mendelejeff só foi compreendido cientificamente em 1913, quando Henrique Moseley demonstrou que a periodicidade verificada no quadro era função do número atómico e não do peso atómico.

A classificação periódica dos elementos, actualizada, encontra-se hoje no quadro conhecido pelo nome de Mendelejeff-Moseley.

O Sorteio de Inválidos do Comércio

No sorteio, o 36.º realizado por esta prestante agremiação em benefício do seu cofre, e que teve lugar no passado dia 6 do corrente, foram premiados os seguintes números:

1.º 253.227; 2.º 472.936; 3.º 526.076;
4.º 336.699; 5.º 323.379; 6.º 864.036; 7.º 743.968; 8.º 599.942; 9.º 967.628; 10.º 593.679.

A posse dos prémios é conferida aos contemplados dentro do prazo de 90 dias após o sorteio, ou seja até 6 de Outubro de 1953, mediante a entrega dos respectivos bilhetes, na Secretaria de Inválidos do Comércio.

Grupo Columbófilo Guadiana Vila Real de Santo António

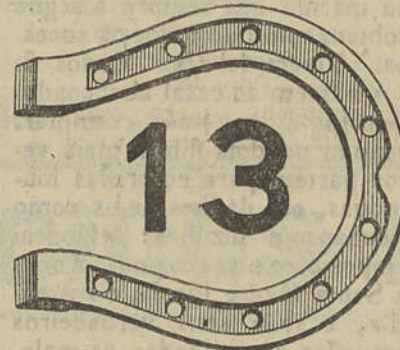
Realizou-se no passado domingo, dia 19, o Concurso de Vizeu—387 km., tendo-se classificado em 1.º, 2.º, 3.º e 4.º lugar os pombos do sr. Gervásio Martins Estêvão com a média de 1.191,78 m. p. m.

Hoje efectua-se uma solta em Braga, na qual estes simpáticos alados terão de percorrer a distância de 490 km., para atingirem esta vila, fechando assim o calendário da campanha desportiva para pombos adultos.

No próximo domingo começam a efectuar-se os treinos dos borrachos nascidos no corrente ano.

VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS
de Consumo e Exportação
QUE MARCA



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Pro-
vador desta casa
é o seu Proprietário

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos
extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região,
aguardente de ginja, e mel centrifugado

**Preços em concorrência
para todos os mercados**

Vinhos licorosos extremadura
engarrafados das marcas:

«TREZE», «PORTUGAL», «RAQUELITA»
«MINHA ULTIMA MARCA»
e «AGUARDENTE VELHA RIBATEJO»

Produtos vinicos 100 por cento

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

AGENTES EM:

AFRICA e BRAZIL

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.^{os} 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal

Credit Franco-Portugais

London & South America Limited

Borges & Irmão

Nacional Ultramarino

Angola

Espirito Santo e Comercial de Lisboa

Banco Português do Atlântico

Caixa Geral de Depósitos

ANTÓNIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65 - B

CASA FUNDADA EM 1913

CARTAXO-Portugal

Telegramas: «TREZE»

Telefones { 13 - Cartaxo
27 - Ericeira
821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, L.^{da} - S. Mamede Riba Tua

Obrigações

do contribuinte em Julho

Renovam-se nas Secções de Finanças as declarações de prédios urbanos devolutos.

—Os proprietários usufrutuários ou possuidores por qualquer título de prédios urbanos arrendados devem apresentar a relação de inquilinos, em duplicado, e por cada prédio. E é de renovar-se sempre que se verificarem alterações à anteriormente feita — mudança de inquilino, alteração de rendas, etc., (art. 18.º do Decreto n.º 26.338 de 5-2-1936).

—De prédios novos, reconstruídos, melhorados ou modificados, com a obrigatoriedade da apresentação da declaração (art. 2.º do Decreto n.º 25.300 de 6-7-1935).

—Os contribuintes da contribuição industrial, grupos A, B. e C. e dos sujeitos a imposto profissional (profissões liberais e empregados ou assalariados por conta de outrem) devem renovar as suas declarações, sempre que se verifique qualquer alteração à anteriormente feita.

E' extensiva às entidades patronais a apresentação da relação dos seus empregados ou assalariados, sujeito ao imposto profissional.

Os limites de isenção são:

Lisboa, Porto e Vila Nova de Gaia — 14.400\$00; capitais de distritos — 12.000\$00; nas restantes terras-10.800\$; (Lei n.º 2050 de 27-12-1951).

As anuidades da taxa militar de 1950 e 1951, que não foram pagas até 31 de Maio findo, podem ser pagas até ao fim do corrente ano, em dobro.

A falta de pagamento até esta data importa o respectivo relaxe.

TURISMO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

necessidade de acarinhar, atrair, de tratar com desvelado carinho, o Turista indo ao seu encontro, no seu interesse e nosso, em tudo que lhes possamos proporcionar de bem estar e de agradável ao seu espirito, — obrigando-o desta arte a continuas visitas; elucidando-o no que possuímos de bom e belo, de seductor, à vista e ao coração.

Preparemos-lhe espectáculos de beleza folclórica — que lhe sejam especialmente destinados, e, assim, reclamados para os que os não visitem, — criando, com o concurso governamental, — o «dia do turismo», que será o do nosso país; interessando comércio, indústria, lavoura e os agregados populacionais; levando os ao seu leal e proveitoso concurso; e, mais, reclamando o das nossas mentalidades literárias e artísticas, numa união, coesão e assistência mutua, porquanto os resultados virão em beneficio de todos e da Nação.

Todos os sacrificios que se fizerem, — num grande desprendimento de inicio, — serão base da futura riqueza e prosperidade da Grei e do País.

Lancemos mão desta, ou outra ideia melhor —, contanto que urge trabalhar, com dedicação e brevidade, neste ponto capital da vida Nacional; — se ainda é tempo, para aproveitarmos, de um bem não melhor, que outros países estão já usufruindo.

Soeiro da Costa

Novidade Literária
Do mesmo autor do romance
«FRONTEIRIÇOS», A. VICENTE CAMPINAS
saiu há pouco
«TRAVESSIA»
Preço 20\$00
à venda em todo o País
Pedidos à «IBERIA»
Vila Real de Santo António

Manuel Fernandes Serra

ARMAZÉM DE MERCEARIAS POR ATACADO
Sêmeas, Cereais, Tabacos, Legumes e Frutos Secos do Algarve
Fábrica de Rebuçados Marca **IZILDA**
MOAGEM DE CAFÉS
Correspondente do BANCO BURNAY
Tele { gramas: SERRAS
fone N.º 32
APARTADO 7
Rua Miguel Bombarda, 2 a 12
Rua de Portugal, 1
LOULÉ

J. Mateus & C.ª

OURO - PRATAS
RELÓGIOS - JOIAS

TELEFONE 79
Rua Teófilo Braga, n.ºs 30, 30-A e 31
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

VENDE-SE

Quinta denominada «Brejo», no sitio de Brancanes — Olhão. Uma das maiores do concelho. Grande rendimento. Aceita propostas, em carta fechada, Jorge de Figueiredo, Alarcova de Cima n.º 1 — ÉVORA.

Drogaria Algarve

FERRAGENS - DROGAS - TINTAS
Agente de Estanho e Soldas
«MOUQUIM»
TELEFONE 121
R. Dr. Miguel Bombarda, 97
Vila Real de Santo António

Auto utilitário

Vende se barato, em bom estado. Motivo de retirada do seu proprietário.
Informa Galuppo, Avenida Sporting Club Olhanense-Olhão.

V. Ex.ª deseja vestir bem aos mais módicos preços?

Prefira a
Alfaiataria Gomes

DE
José Gomes Madeira
que garante os seus trabalhos
Rua Teófilo Braga, 93
Serve-se do TELEFONE N.º 42
Vila Real de Santo António

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

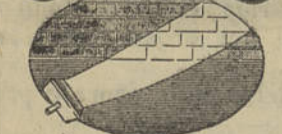
Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22
Vila Real de Santo António

José Candido Monteiro

SOLICITADOR
PROVISIONÁRIO
Horas de expediente
Das 10 ás 13 e das 14 ás 17 horas
ESCRITÓRIO
Rua de Avelro n.º 40
Vila Real de Santo António
RESIDENCIA
Rua 26 de Janeiro — Castro Marim

CEMPEXO



Uma grande marca Dinamarquesa

Recomendada para pintura de interiores e exteriores
paredes
muros
frontarias de casas ou edificios
outras superfícies

NOVAS POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO CIVIL!

Depois de cuidadosos ensaios laboratoriais e práticos, apresentamos agora em Portugal tintas petrificantes especiais e hidrófugas que

RESISTEM A TUDO, SENDO LAVÁVEIS E DE FÁCIL EMPREGO

Pô que se mistura com água em 9 cores

PEDIR INFORMAÇÕES NOS DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:

CEMPEXO

DE COR FIXA
DURA MAIS
RENDE MUITO

HENRIQUES & CASTRO, Lda.

TELEF. 75057 — AV. CONDE DE VALBOM, 96 — LISBOA

AGENTES em Vila Real de Santo António — AGENCIA COMERCIAL E MARITIMA DO SUL
em Tavira — MARCELINO AUGUSTO GALHARDO
em Olhão — JOSÉ DE ARAGÃO BARROS

CRUZEIRO À MADEIRA

A BORDO DO PAQUETE

IMPÉRIO

(21 a 25 de Setembro)

Atenção: Por cada grupo de 11 pessoas que se inscreva neste Cruzeiro oferecemos uma viagem!

ORGANIZE O SEU GRUPO E VENHA CONNOSCO
PEÇA PROGRAMA NESTE JORNAL

INSCRIÇÕES PELO CORREIO

Casa Atlântica de Viagens, Lda.

Rua Capelo, 4-A - LISBOA - Telef. 32294-29471

Senhores Proprietários

Ao escolherdes um grupo para Rega—deveis preferir um WISCONSIN **PORQUÊ?**

Porque possui motor WISCONSIN de mais baixa rotação, 1.600 rotações por minuto

ISTO SIGNIFICA LONGA DURAÇÃO

POTENCIAS DE 2,75/4,3 H. P. e de 3,5/6 H. P.

MAGNETO ISOLADO DE ALTA CAPACIDADE significa arranque facilimo

CARBURADOR ZENITH ou STROMBERG representa grande economia de combustivel

FILTRO DE AR a banho de oleo — Impede que as poeiras e areias penetrem no motor

UM GRUPO COM APERFEIÇOAMENTOS QUE NENHUM OUTRO POSSUI

AGENTES EM PORTUGAL

CASA CAPUCHO - Rua de S. Paulo, 113—LISBOA

Em Vila Real de Santo António

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65-66

TELEFONE N.º 76

Holland-America Line

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZA COALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

«ALMDYK»

carrega em LISBOA em 28 de AGOSTO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DALERDYK» — 6 de Agosto

«LOCH AVON» — 22 de Agosto

«DUIVENDYK» — 5 de Setembro

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C.ª L. DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21143 - 21789

ISOLAMENTO ...

Não me digam de coisas vagas
Que aconteceram aqui e acolá
E que ninguém sabe,
Excepto toda a gente...
Não me procurem de parte,
No segredo escondido,
Que só se diz de cada vez
A cada um...
Não me falem disto nem daquilo,
Não me tragam nada p'ra contar,
Não me deem nada para ver,
Nada.
Levem-me tudo e deixem-me sózinho
Só... com o meu sonho.

Lisboa, Maio de 1953

FERNANDO CALADO

Este número do «Notícias do Algarve» tem 8 páginas e foi visado pela Comissão de Censura.

Os Nossos Contos

(CONCLUSÃO DA 4.ª PÁGINA)

até às 5 horas da manhã ela até às seis.

José Manuel, o libertino, o doído, começou a fartar-se daquela vida.

Disse-lho, sentia-se velho, queria descansar, sair menos, ficar em casa. Mas ela não podia, aprendera demasiado bem a lição que eles lhe tinham ensinado, agora era aquilo que eles tinham desejado, um após outro.

A palavra divórcio, tinha sido pronunciada.

Uma lágrima, sulcou a face carminada e caiu formando uma mancha azul no emaranhado de côres.

A mulher limpou os olhos, que o rimel fazia arder, e apertou mais contra si o tecido amarrado.

Que fizera ela da vida?

Olhou-se no espelho. Aquela, não podia ser ela, velha, sim porque estava velha, arrebicada, grotesca.

Compreendeu que a jornada estava no fim, a maior parte, a mais bela ficara, para trás e ela não chegara sequer a conhecê-la... porque não tinha chegado a viver.

O relógio badalou as horas, uma a uma, cadenciadas, longínquas.

Os anos da sua vida também lhe pareciam distantes, imprecisos. Como aquelas duas mulheres a loira e a ruiva, duas estranhas que tinham vivido a seu lado sem nunca chegar a conhecê-las.

Elas tinham sido as mulheres de João e José Manuel. As mulheres que eles tinham criado para o seu amor e que tinham acabado por detestar.

Ela, ficara uma desconhecida para eles.

Era como se todos aqueles anos, tivessem passado deixando apenas na sua carne os traços indestrutíveis do tempo.

O seu eu, o seu íntimo, a sua alma começou agora a viver.

Três côres tão diferentes entre si!

Escondeu o rosto na seda vaporosa.

Ela, não podia viver de recordações, porque as não tinha, o seu passado não existia. Era das outras, não era seu, não lhe pertencia, era delas, daquelas estranhas que ela mal conhecia.

Não podia viver de recordações, mas podia viver na ilusão de tudo aquilo que podia ter sido e não fora.

Os lábios carnudos, sensuais,

OS VENCIDOS DA VIDA

(CONCLUSÃO DA 4.ª PÁGINA)

mais uma ironia lisboeta, como as que deram o nome de «Prazeres» ao seu cemitério, o de «Boa-Hora» ao seu tribunal de justiça e o de «Necessidades» ao palácio mais sumptuoso de Portugal. Era, de crer que, pela mesma razão, verdadeiros triunfadores se dessem à fantasia de se chamarem a si próprios — vencidos. Fosse como fosse, o que é certo é que, para justificar o título, se tornou necessário criar uma teoria. Dai o vencidismo, estado de espírito que consistia em combater, por laços de boa amizade e espírito intelectual, os desalentos que lhes traziam o fracasso das suas esperanças em face da decadência social do século.

Filhos da chamada geração de 70, na sua maior parte companheiros de Antero de Quental, na celebrada «Questão Coimbrã»; integrados nas doutrinas revolucionárias do Cenáculo; impraguados no espírito de reforma das conferências do Casino e iniciadores da nova escola literária, — a escola realista —, julgaram-se capazes de sacudir os nervos do país e conceberam a esperança de operar a transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa.

Porém, decorridos vinte anos, verificaram, desiludidos, que nada tinham realizado e que os seus esforços tinham redundado em fracasso. Em face dos factos, o que eram eles senão vencidos da vida?

Por isso, passada a vertigem das suas miragens, cada um seguiu, desiludido, o seu caminho diferente.

Eça de Queiroz, deixa de cultivar o romance de crítica à sociedade portuguesa dessa época, com o «Crime do Padre Amaro», «O Primo Bazílio», «Os Maias», «A Relíquia» e escreve «A Cidade e as Serras», essa admirável tese, em que zomba dos inventos da ciência e mete a ridículo todos os requintes da civilização, terminando pelo triunfo das serras sobre as cidades.

Ramalho era outro decepcionado. Abandona a campanha formidável das «Farpas», desiludido e melancólico, e devota-se à tarefa de defender os velhos monumentos e de exaltar com carinho e amor as antigas indústrias regionais e escreve «A Arte Portuguesa».

Oliveira Martins, abandona o iberismo e a economia, e consagra-se à tarefa de reconstituir a vida dos Filhos de D. João I, do Príncipe Perfeito e dos grandes homens do renascimento português.

E, assim, outros seguem também orientações diferentes. Alguns, dedicando-se ao vício de coleccionadores de brie-a-brac, vivendo à procura de medalhas, cacos, moedas, estampas, etc., etc. Tinham todos perdido as suas ilusões.

Portanto, estes homens, que tanto esperavam do seu século e que tudo tentaram para que os seus sonhos se não desfizessem,

abriram-se num sorriso terno, e por trás do rimel os olhos enormes pareciam doces... ingénuos.

Afinal, a melhor parte da sua vida ia começar.

O envólucro estava gasto, mas o conteúdo era novo.

Viver na ilusão ainda é viver.

E agora, ela sabia que finalmente podia começar a viver a sua verdadeira vida.

Vera Ponce de León

tinham o direito de se intitularem «vencidos da vida».

Todavia, os seus adversários não participavam dessa opinião. Consideravam-nos como elegantes insolentes, amigos de prazeres mundanos — um mau exemplo para o país, uma perigosa ameaça para a mocidade.

Eles, porém, não se davam por atingidos. Pelo contrário, respondiam às críticas, redobrando a publicidade em redor dos seus festins. Para lhes dar maior grandeza, passaram as suas reuniões dos hotéis para os palacetes da Rua dos Caetanos, umas vezes em casa do Conde de Ficalho, outras em casa de Carlos Mayer. Outras vezes, ainda, iam para o campo, nos arredores de Lisboa. De tudo «O Tempo», — jornal do vencido Carlos Lobo de A'vila, — dava notícia: da alegria reinante e das ementas organizadas de acordo com a mais rigorosa exigência às tradições da cozinha portuguesa. Faziam fotografias, caricaturas e corriam anedotas para distingui-los.

Um dia, quando em casa dos Condes de Valbom, se festejava o aniversário de Carlos Lobo de A'vila, com o maior esplendor, rompem os vencidos por uma porta, reunem-se no meio do salão e cantam em coro a «rosa tirana» — música muito em voga, com versos adaptados a cada um deles.

Conta-se que, outra vez, depois de um jantar, atravessando o Largo das Duas Igrejas, ao Chiado, encontraram o sacristão a deitar azeite nos gonzos da porta de ferro. Então, Eça, de menôculo assestado, dispara-lhe esta pergunta: — Isso é que são os santos óleos?

O sacristão, indignado, responde-lhe com um palavrão.

Mas o grupo já vai longe, a rir ruidosamente.

Fialho de Almeida, mal humorado, do seu canto do «Café Martinho», fazia blagues contra eles e comentava para os boémios da sua corte:

«Depois do jantar o que intentam é digerir. A digestão finda, tanto pode ser um ideal como um «water closet». A história nem sempre fixa os nomes dos que bebem champagne e comem sardinhas assadas.»

Outro, que não suportava o grupo, era Pinheiro Chagas.

Por ocasião de um jantar em honra de Eça de Queiroz, em sinal de regozijo pela sua recente chegada de Paris, arremete com eles num artigo que publica no «Correio da Manhã». Manifesta, nesse artigo, estranheza em que os amigos do autor do «Primo Bazílio» quizessem também erismá-lo com o nome de vencido, no momento em que ele se empenhava pelo exito da «Revista de Portugal». E, sabendo que Eça era muito supersticioso, terminava que tal homenagem era de muito mau agouro.

No dia seguinte, «O Tempo» cedia as colunas do artigo do fundo para a resposta de Eça: — «Noblesse oblige». Ou bem

somos o órgão dos vencidos ou bem ou não somos!».

O artigo de Eça tinha o mesmo título do de Pinheiro Chagas: «Vencidos da Vida».

«O amável «Correio da Manhã», fazendo hoje o retrato social dos «Vencidos da Vida», um por um, para lhes contestar este título acabrunhante, continua e engrossa o ruído de publicidade de que a imprensa tem erguido ultimamente em torno deste grupo jantante, com considerável desgosto dos homens simples que o compõem.»

«Homens que assim se reúnem, poderiam logo, neste nosso bem amado País, ser suspeitosos de constituírem um sindicato, uma filarmónica, ou um partido. Tais suposições seriam desagradáveis a quem se honra de costumes comedidos; e o respeito próprio obriga-os a especificar bem claramente, em locais, que, se em certo dia se congregam, é apenas para destaparem a terrina da sopa e trocarem algumas considerações amargas sobre o «Colares».

«De resta, o sussurro atónico que, de cada vez, levantam estas refeições periódicas, não é obra sua — mas da sociedade que, com tanto interesse, os espregueia. Eles comem — a sociedade estupefacta, mermura. O que é, portanto, estranho não é o grupo dos vencidos, o que é estranho é uma sociedade de tal modo constituída que no seu seio assume proporções de escândalo histórico, o delírio de onze sujeitos que uma vez por semana se alimentam.»

«O que de resto parece irritar o nosso caro «Correio da Manhã», é que se chamem «vencidos» aqueles que para todos os efeitos públicos parecem ser realmente «vencedores». Mas que o querido órgão, nosso colega, reflita que para um homem, o ser vencido ou derrotado na vida depende, não da realidade aparente a que chegou — mas do ideal íntimo a que aspirava.»

«Dito isto, só podemos ajuntar que os vencidos oferecem o mais alto exemplo moral e social de que se podem orgulhar este País. Onze sujeitos que há mais de um ano formam um grupo, sem nunca terem partido a cara uns aos outros; sem se dividirem em pequenos grupos da direita e da esquerda; sem terem, durante todo este tempo, nomeado entre si um presidente e um secretário prepetuo, sem se haverem dotado com uma denominação oficial Reais Vencidos da Vida ou Vencidos da Vida Real ou Nacional; sem arranjar estatutos aprovados pelo Governo Civil; sem emitirem acções; sem possuírem hino ou bandeira bordada por um grupo de senhoras «tão anónimas quanto delicadas»; sem iluminarem no Primeiro de Dezembro; sem serem elogiados no «Diário de Notícias» — estes homens constituem uma tal maravilha social que certamente para o futuro, na ordem das coisas morais, se fa-

UMA AVENTURA MUSICAL

(CONCLUSÃO DA 4.ª PÁGINA)

promessa, pois o esperar longamente extingue a virtude da dávida... Se o povo estiver pobre, o rei será amaldiçoado...»

Lucie Goyau bem observa: «Melusina tem a estrutura duma rainha regente. Não seria ela desenhada sobre o modelo de Maria de França, duquesa de Bar, que se dedicara à educação dos seus cinco filhos?»

Seja como for, os dois filhos de Melusina, combatendo os Saracenos, ter-se-iam distinguido no Oriente, casando um com a filha do rei de Chipre e o outro com a filha do rei da Arménia.

(Conclui no próximo número)

Francisco Fernandes Lopes

COMPRE E LEIA

«Enquanto a chuva cai»

contos de VERA PONCE DE LEÓN

lará dos «Onze de Bragança», como na ordem das coisas heróicas se fala dos «Onze de Inglaterra».

«Dissemos».

Eça dava assim, nas poucas linhas deste artigo, as bases iniciais da teoria do «vencidismo». A verdadeira doutrina, essa veio depois, nas páginas da «Revista de Portugal», na «Correspondência de Fradique Mendes».

Fradique Mendes não existiu. E' uma figura ideal, feita de pedacinhos dos amigos de Eça de Queiroz. A sua robustez, por exemplo, foi êle busca-la à de Ramalho Ortigão.

E', pois, no personagem de Fradique Mendes que Eça de Queiroz reúne as qualidades predominantes dos seus companheiros do grupo dos vencidos.

Estava, pois, definitivamente constituído o grupo, e só o destino inexorável o dissolve, quando a morte suprime dois dos seus membros, e o seu espectro fica a esvoaçar sobre os outros.

Entre as muitas fotografias que existem dos vencidos, há uma, tirada nos jardins do Conde de Arno, que, com o decorrer dos anos, se tornou célebre e adquiriu fóros de fatalismo. Figuram nela dez vencidos. Falta um, — António Candido.

No meio da escada, vêm-se Carlos Lobo de A'vila, e Oliveira Martins; em baixo, colocados sem nenhuma ordem aparente, os restantes.

Quiz o acaso que os primeiros vencidos a tombar, em plena mocidade ainda, fôssem os dois que se encontram na escada. Primeiro, Oliveira Martins, (1894); e depois, Carlos Lobo de A'vila, (1895).

Os que estão a seguir são o Conde de Ficalho, Eça de Queiroz e Carlos Mayer. Vinham tombando por ordem, implacavelmente.

Qual deles seria agora o primeiro?

Eça de Queiroz que era muito supersticioso, teve o pressentimento de que seria ele e, quando punha os olhos na fotografia fatal, ficava possuído de um sentimento de profundo terror. E o anátema cumpriu-se!

Eça de Queiroz foi o terceiro vencido que a morte arrebatou: faleceu em Paris, em 1900.

Estava desfeito o grupo, mas vivia para a posteridade.

Fialho de Almeida tinha-se enganado. Desta vez, a história fixara os nomes dos que comiam sardinhas assadas, regadas com «champagne».

Julho de 1953.

Manuel dos Santos Cabanas

E' sinal de bom gosto e de economia, usar sómente...

Camisas, Cuecas e Pijamas

CONFECÇÕES

Viresa, Lda

FÁBRICA DE CAMISAS